

2.3. FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA: ANÁLISE DOS CONTEUDOS DAS SESSÕES DE REUNIÃO ¹²³⁴

Carolina R.Schirmer ; Alzira P. Brando e Leila Regina Paula Nunes

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

A inclusão escolar e social das pessoas com deficiência têm sido pensada e discutida na literatura especializada na área de Educação Especial, nas últimas décadas. Pretende-se apresentar alguns dados preliminares dos projetos de pesquisa-ação em andamento: *Dando a voz através de imagens: Comunicação Alternativa para indivíduos com deficiência* (Nunes,2007) financiado pela FAPERJ e *Promovendo a inclusão comunicativa de alunos não oralizados com paralisia cerebral e deficiência múltipla* (Nunes, 2007) financiado pelo CNPq.

Participam do projeto uma professora de uma escola especial e um grupo de apoio interdisciplinar. Esta pesquisa visa conhecer o trabalho da professora em sala de aula com alunos não oralizados e subsidiá-la através da formação em Tecnologia Assistiva, mais especificamente a CAA.O objetivo do trabalho é apresentar a análise de conteúdo de 24 sessões do grupo em reuniões na Oficina Vivencial do Instituto Helena Antipoff – IHA durante o período de setembro de 2007 a outubro de 2008, totalizando 13 meses. Tais sessões foram filmadas e gravadas e, depois, transcritas. Os resultados demonstram que ocorreram mudanças de atitude da professora em relação aos seus alunos e no comportamento de interação e comunicação dos alunos.

Introdução

No meio educacional ainda são poucos os trabalhos sobre a área da Comunicação Alternativa e Ampliada – CAA e são muitos os alunos que necessitam do uso desses recursos e de professores que necessitam de formação nessa área. Segundo Nunes (2003) cerca de um em cada duzentos indivíduos é incapaz de se comunicar oralmente devido aos mais diversos fatores: cognitivo, físico, neurológico e emocional. Neste

¹ Projeto financiado pela FAPERJ proc. E 26/110235/2007 e CNPq proc. 473360/2007-1

² Agradecemos a colaboração das assistentes de pesquisa Catia Walter, Claudia Alexandra Araújo, Claudia Togashi, Danielle Brito, Ida Coelho, Hilda Gomes, Maria de Lourdes Capano, Maristela Siqueira, Silvia Regina Sant'Anna e Waldir Toledo.

³ Publicado nos Anais em CD ROM do IX Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste, S. Carlos, julho 2009

⁴ Esta é apenas uma versão reduzida da análise de conteúdo que ainda está sendo conduzida.

grupo de pessoas é possível encontrar indivíduos com seqüelas de paralisia cerebral, autismo, deficiência mental e outros. Porém, o que ainda se observa nos educadores é um desconhecimento sobre o real potencial de crianças, jovens e adultos que apresentam determinado tipo de deficiência. Muitas vezes estes sujeitos estão em sala de aula, mas alheios ao processo de aprendizagem porque não apresentam fala ou escrita funcional. Estão apenas integrados no ambiente escolar, no intuito de socialização, mas não lhes é dada a oportunidade de aprender, interagir e se comunicar com os outros colegas e com o próprio professor. São pessoas que não são incluídas na realização de tarefas pedagógicas e nem no processo de fazer, pensar, transformar a realidade que lhes é apresentada.

Muitos educadores ainda reforçam, mesmo que de maneira não intencional, o modelo médico, o modelo do diagnóstico. Dentro desta perspectiva, os profissionais educadores, esperam que por si só os aspectos da deficiência “ditem” a melhor forma de intervenção. O agravante aqui é que não se oportuniza o conhecimento do indivíduo como sujeito ativo de seu processo de pensar, expressar e agir sobre o mundo, sobre os conteúdos escolares, pedagógicos e sobre a sua própria comunicação com o outro. Expressar aqui deveria ser entendido como um processo além da deficiência, e não pela limitação que a mesma impõe ao próprio corpo ou pensamento do indivíduo. É na diversidade, na diferença que se constrói e se inscreve a própria subjetividade, a individualidade. E é neste respeito ao outro, ao diferente que se faz importante repensar a acessibilidade ao deficiente, as práticas pedagógicas e a formação inicial e continuada dos professores.

Dentro deste pensamento e reflexões, a sociedade atual exige, necessariamente, uma educação comprometida com mudanças e transformações sociais. No centro dessa sociedade encontra-se uma educação que por ser social e historicamente construída pelo homem requer como essência no seu desenvolvimento uma linguagem múltipla, capaz de abarcar toda esta diversidade e, compreendendo dessa forma, os desafios que fazem parte do tecido de formação profissional do professor (Medeiros e Cabral, 2006).

O termo Comunicação Alternativa e Ampliada – CAA é usado para definir as outras formas de comunicação que substituem ou suplementam as funções da fala definitiva ou provisoriamente. Envolve o uso de gestos manuais, expressões faciais e signos gráficos (incluindo escrita, desenhos, gravuras, fotografias e objetos tridimensionais), sistemas computadorizados e outros como meios de efetuar a comunicação face-a-face de indivíduos incapazes de se comunicar oralmente. Pensando

nestas necessidades educacionais especiais, é inconcebível falar em educação de crianças, jovens ou adultos com deficiência física e mental que tenham dificuldades graves para se comunicar sem falar de Tecnologia Assistiva e CAA. A relação entre a educação e as novas tecnologias, embora bastante discutida, continua sendo para os professores e escola um grande desafio. Por isso torna-se necessário que os professores na sua formação, tanto inicial quanto continuada, tenham acesso ao conhecimento teórico e prático voltado a essa área. Compreendemos que a formação continuada não se trata de um repasse de um saber fora de sala de aula, e sim de uma possibilidade de rever a escola/prática educativa, e analisar as potencialidades de uma intervenção colaborativa sistemática entre os profissionais da escola e os pesquisadores da Universidade (Nóvoa, 2000). Isto posto, apresentamos o presente estudo que é oriundo de alguns dados coletados dos projetos de pesquisa-ação em andamento: *Dando a voz através de imagens: Comunicação Alternativa para indivíduos com deficiência* (Nunes, 2007) financiado pela FAPERJ – proc. . E 26/110235/2007 e *Promovendo a inclusão comunicativa de alunos não oralizados com paralisia cerebral e deficiência múltipla* (Nunes, 2007) financiado pelo CNPq – proc. 473360/2007-1.

Método

Participaram do estudo sete alunos com paralisia cerebral associada à deficiência intelectual dentre os quais apenas dois são oralizados, dois são do sexo masculino e cinco do sexo feminino, a professora da turma, as assistentes de pesquisa que compõem a equipe de apoio interdisciplinar (três bolsistas de Iniciação científica; três mestrandos, duas doutorandas, três professoras vinculadas ao IHA e duas pesquisadoras vinculadas a UERJ) e a professora coordenadora. Essa equipe conta com profissionais de várias áreas: Pedagogia, Fonoaudiologia, Terapia Ocupacional, Psicologia e Psicopedagogia. A idade dos alunos variou entre 09 e 27 anos. O estudo foi desenvolvido na sala de aula de uma escola especial municipal do Rio de Janeiro, onde foram conduzidas sessões de observação da interação professora-aluno e das sessões de reunião da equipe de apoio interdisciplinar junto à professora e os alunos. As sessões semanais de reunião da equipe de apoio interdisciplinar com a professora da turma foram realizadas na Oficina Vivencial do Instituto Helena Antipoff - IHA, centro de referência da Educação Especial da Secretaria Municipal de Educação (SME). Para a coleta de dados foram empregadas filmadoras JVC e digital, protocolos de registros de observação e gravadores de som. Foram confeccionados diferentes tipos de pranchas e cartões de

comunicação com símbolos pictográficos criadas com o *software Boardmaker*. Foram igualmente utilizados material pedagógico adaptado como: livros, letras de músicas, pranchas e cartões de interpretação acompanhados de escrita com símbolos PCS e alguns recursos de acessibilidade ao computador como teclado expandido e editor de texto com síntese de voz.

O projeto foi submetido e aprovado pela Comissão de Ética em Pesquisa COEP da UERJ (parecer COEP 026/2007). Ele foi igualmente submetido à direção do IHA, à diretora da escola especial, à professora da turma, aos alunos e seus pais. Todos assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

Foram realizadas 12 reuniões da equipe interdisciplinar de pesquisa em 2007 e 26 reuniões em 2008, com duração média de 90 minutos. Tais reuniões foram realizadas em sua grande maioria na sala da Oficina Vivencial do Instituto Helena Antipoff. Neste trabalho serão apresentados os dados da análise de conteúdo das sessões de reunião de equipe.

A pesquisa envolveu um conjunto de atividades, a saber: a) videogravação da interação da professora com os alunos em sala de aula, b) oferta do *software Boardmaker* para confecção de pictogramas; b) oferta de computador e impressora para confecção dos pictogramas e uso do computador em atividades de sala de aula; d) oferta de sugestões de recursos de CAA, de modelos de pranchas, de materiais pedagógicos adaptados e de *softwares* e *hardwares* especiais para comunicação escrita, e) demonstração da utilização das pranchas para estabelecer conversação com os alunos e f) reuniões semanais de discussão com a professora e todo o grupo de pesquisa.

Nessas sessões semanais, que constituem o presente estudo, eram voltadas para a) planejamento de atividades pedagógicas em sala de aula, b) discussão de textos sobre CAA; c) apresentação de sessões videogravadas da professora desenvolvendo atividades pedagógicas e interagindo com os alunos em sala de aula, d) discussão sobre as sessões videogravadas em que a professora era convidada a tecer seus comentários seu próprio desempenho e o dos alunos, a ouvir os comentários da equipe de apoio e principalmente trazer suas dúvidas e questões para o grupo. Após assistir a um vídeo ou ao momento da problematização, a equipe, e isso inclui a professora, eram levantadas as sugestões para a resolução dos problemas apontados, e planejava-se a execução da solução que poderia ser realizada tanto pela professora de sala de aula ou por um ou mais membros da equipe de apoio através de uma visita a sala de aula.

Todas as reuniões da professora com grupo de pesquisa foram filmadas, gravadas e transcritas. Considerando o efeito que estados subjetivos, valores pessoais, orientações teóricas e crenças dos pesquisadores têm na construção dos dados, optou-se por evidenciá-los e, assim, tentar elucidar o processo de articulação entre os dados coletados e esses elementos subjetivos que são ativados para dar significado ao que é observado (BOGDAN, BIKLEN, 1994; EZZY, 2002).

Resultados

A partir das transcrições das reuniões do grupo de pesquisa com a professora da turma, foi realizada uma análise de conteúdo. Através dos temas mais relevantes decorrentes desta análise foi possível a formação das seguintes categorias:

Categorias:
Interesse de outros professores em relação à CAA
Propostas para inserir CAA na escola
Dificuldades dos alunos antes do início da pesquisa
Benefícios do trabalho da pesquisa para a turma
Atitude da escola em relação à pesquisa
Necessidades do grupo de pesquisa em relação aos professores da escola
Dificuldades da professora
Visão dos pesquisadores em relação aos recursos de CAA
Sentimentos da professora
Benefícios da pesquisa para a professora
Benefício no uso de Recurso de CAA
Dúvidas e dificuldades da professora em relação ao recurso de CAA
Visão da professora sobre o seu trabalho antes e agora
Atividades desenvolvidas com recursos de CAA
Utilização do material de CAA pela professora e alunos

<p>Habilidades dos alunos percebidas pela professora após o início da pesquisa</p>
--

Após definir as categorias para análise, foi realizada uma síntese do conteúdo identificado expressa no quadro abaixo. Todo o conteúdo identificado na análise foi retirado do discurso da professora de sala de aula com exceção das seguintes categorias: Propostas para inserir CAA na escola; Necessidades do grupo de pesquisa em relação aos professores da escola; Visão dos pesquisadores em relação aos recursos de CAA e aos alunos.

Categoria	Síntese
Interesse de outros professores em relação à CAA	<i>A professora de Educação Física desejou confeccionar prancha para trabalhar com os alunos; Outros têm o discurso de que não acreditam, mas olham os cartões e pedem; Medo de estragar o computador.</i>
Propostas para inserir CAA na escola	<i>Curso de extensão; Cursos de capacitação para professores; Oficinas; Utilizar o centro de estudos;</i>
Dificuldades dos alunos antes do início da pesquisa	<i>A interação entre alunos não era muito freqüente; Os alunos sentiam frustração, pois não conseguiam realizar as atividades; Choravam.</i>
Benefícios do trabalho da pesquisa para a turma	<i>Aumento de: comunicação, interação e iniciativa dos alunos para começar um diálogo; Alunos puderam participar da atividade na mesma hora; Perceber que o outro compreendeu e que acertaram mais nas atividades; Possibilidade de expressar desejos, sentimento, de fazer escolhas e perguntas; Aprenderam habilidades sociais; Melhora na linguagem compreensiva e estruturação do pensamento; Aumentou capacidade de troca e a escuta do professor em relação aos alunos.</i>
Atitude da escola em relação à pesquisa	<i>Disponibilizar um horário para que a professora da turma possa participar das reuniões da pesquisa; maior interesse pela pesquisa</i>
Necessidades do grupo de pesquisa em relação aos professores da escola	<i>Sensibilizar as professoras em um momento coletivo; Necessidade de</i>

	<i>sistematizar os encontros para discutir com os professores da escola sobre CAA;</i>
Dificuldades da professora	<i>Trabalhar com mais de dois alunos graves; Poder comunicar com um de cada vez; Não saber utilizar os recursos; Perceber se o aluno tem interesse na comunicação e se tem capacidade para se comunicar; Dificuldade para iniciar uma conversa e para compreender o aluno.</i>
Visão dos pesquisadores em relação aos recursos de CAA e aos alunos	<i>O fato de um comunicar mais não significava que os outros ficavam calados ou não queriam se comunicar; Eles tomavam as iniciativas e respondiam tanto quanto os outros; A gente viu que há uma diferença muito pequena entre os meninos que falam e os que não falam e, que eles também respondiam e participavam das atividades tanto quanto os outros. Quando o vocabulário muda, também muda o formato; Antecipar para ter o vocabulário para que se surgisse alguma conversa e fazer algum comentário;</i>
Sentimentos da professora	<i>Frustração; Surpresa; Felicidade; Satisfação; Angústia; Falta informação e vivência, divulgação sobre o trabalho de comunicação alternativa; Sentir-se cobrada, incomodada; Adora o trabalho.</i>
Benefícios da pesquisa para a professora	<i>Perceber que os alunos compreenderam; Ver que eles estão gostando; Mais habilidade; Dinamismo; Rapidez; Eficiência; Menos chata.</i>
Benefício no uso de Recurso de CAA	<i>Mais velocidade na hora da comunicação; Muito mais interação; Aumento de mensagens verbais; Todos puderam participar da atividade na mesma hora; Perceber que ou outro compreendeu; praticamente 100% de acerto na resposta; Prestaram atenção no que o outro estava falando; Eles iniciam a comunicação; Eles têm possibilidade de escolha; Eu acho que ele ajuda na organização da linguagem, do pensamento dele.</i>
Dúvidas e dificuldades da professora em relação ao recurso de CAA	<i>Como uma professora consegue trabalhar com as pranchas com todos ao mesmo tempo? Como usar as pranchas? Como fazer?</i>

<p>Visão da professora sobre o seu trabalho antes e agora</p>	<p><i>Eu fazia 7 cadernos. Eu escrevia e depois eu parava para fazer uma atividade com cada um deles. Era uma coisa humanamente inviável. Tinha dias que o aluno vinha para a escola para esperar o colega estudar, trabalhar. Ele ficava ali parado. Eu me dava conta disto, mas eu não tinha como resolver isto. Agora eles estão se comunicando porque eu também estou permitindo isto. Antes eu não permitia. Eu não tive que comprar e nem mudar nada porque eu tinha todos os recursos na sala. Era uma coisa de visão mesmo, muitas vezes a coisa está ali na sua cara e você não enxerga.</i></p>
<p>Atividades Desenvolvidas com recursos de CAA</p>	<p><i>Brincadeiras; jogos; atividades com músicas; perguntas e respostas no intuito que os alunos aprendam obedecer a regras; atribuir uma funcionalidade às atividades e ao aluno; funcionalizar a repetição das letras; perguntas e respostas; contos de historias; amigo oculto;</i></p>
<p>Utilização do material de CAA pela professora e alunos</p>	<p><i>Utilizar material de CAA com o artesanato e mural com símbolos ; Uso de pranchas; Computador; Cartões ; Atividade com o tema da dengue – material adaptado com símbolos; Música e histórias - música já contada pelos pictogramas. Formar sentenças com o uso de cartões com figuras pictográficas para o outro executar. Verificar a compreensão que eles tinham de uma história que era lida; Jogo com regras e jogos de pergunta e resposta para trabalhar habilidades sociais; Interpretação da história com perguntas mais abertas.</i></p>
<p>Habilidades dos alunos percebidas pela professora após o início da pesquisa</p>	<p><i>A aluna lê e agora a gente está trabalhando com ela a forma de se expressar; Ela melhorou muito na parte motora; Ela já tem alguma noção, ela lê algumas sílabas, ela junta; Segura na minha mão e direciona a minha mão até para apontar, para colar; Teclam; Ele teve a intenção de me abraçar</i></p>

O discurso da professora deixa claro que a sua formação está beneficiando não só a sua turma como também outros alunos e colegas professores na escola que estão conhecendo e introduzindo a CAA na sua prática. Também se percebe que o espaço das reuniões faz com que ela consiga identificar a dificuldade dos seus alunos em relação à comunicação e interação e motiva nela a busca por estratégias, técnicas e um planejamento de sala de aula diferenciado o que leva a percepção posterior das habilidades de seus alunos. A possibilidade do espaço onde a professora possa falar dos seus sentimentos é essencial nesse processo e isso a torna capaz de perceber as mudanças ocorridas tanto nas suas concepções teóricas quanto em sua prática. As dúvidas que a professora leva para o grupo podem ser entendidas como um primeiro passo para as mudanças necessárias na sua atuação, onde aquele que pergunta dispõe-se a pensar sobre e como se dá determinada situação. Outros dados interessantes são a imensa gama de atividade que passam a compor o planejamento de sala de aula e as inúmeras sugestões de recursos, que vão sendo apresentadas pela equipe e construídas em conjunto com a professora e alunos.

Conclusões

O trabalho em questão mostra uma mudança de atitude da professora em relação aos seus alunos. O primeiro passo para tal mudança se deu a partir do conhecimento dos recursos de CAA e do que eles poderiam auxiliar na comunicação e no aprendizado desses alunos com dificuldades severas na comunicação e também da possibilidade desse espaço onde o professor possa refletir sobre a teoria e a prática. Espaço onde ele e seus alunos são considerados como membros da equipe, onde esta ação conjunta propicia um intercâmbio e onde o professor possa trazer os sentimentos/dúvidas/situações-problemas e onde possa refletir sobre as diferentes possibilidades de intervenção com seus alunos em sala de aula.

Numa época de tantas mudanças rápidas, enriquecida pelos avanços obtidos com o uso da tecnologia e pela necessária discussão da inclusão escolar e social, proliferam no meio educacional idéias de desacomodação, dúvidas e incertezas. Sabemos que na maioria das escolas de formação não existe uma disciplina ou um espaço destinado para estas discussões sobre Tecnologia Assistiva e Comunicação Alternativa e Ampliada e que os professores que já estão nas escolas não têm muitas vezes uma proposta de formação continuada. Nesta perspectiva, cabe pensar em um espaço onde o corpo docente possa trocar suas experiências e adquirir novos conhecimentos, no intuito de

atender todos os alunos, considerando suas especificidades, e visando o sucesso educacional dos mesmos. Assim, fica a proposta de se criar este espaço, visando a construção de uma escola capaz de trabalhar com a diversidade.

Referências Bibliográficas

- BOGDAN, R. & BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em Educação*. (M.A Alvarez, S.B. Santos e T.M. Baptista, trads.). Porto: Porto Editora (Trabalho original publicado em 1991), 1994.
- EZZY, D. *Qualitative analysis: practices and innovation*. Londres: Routledge, 2002.
- MEDEIROS, M.V.; CABRAL, C.L O. Formação Docente: da teoria à prática em uma abordagem sócio-histórica. *Revista E-curriculum*, ISSN 1809-3876, São Paulo, v.1, n.2, junho de 2006. Disponível em: <http://www.pucsp.br/ecurriculum> . Acessado em 16/06/2008.
- NÓVOA, António.Os professores e a sua Formação. In: NÓVOA, António et al. *Formação de Professores e Profissão Docente*. Lisboa: Publicações Dom Quixote Instituto de Inovação Educacional,1997, pág.13 – 33.
- NUNES, L. R. O. P *Favorecendo o desenvolvimento da comunicação em crianças e jovens com necessidades especiais*. Rio de Janeiro: Dunya, 2003.
- _____ *Dando a Voz Através de Imagens: Comunicação Alternativa para Indivíduos com Deficiência*. Projeto de Pesquisa financiado pela FAPERJ proc. E 26110235/2007
- _____ *Promovendo a inclusão comunicativa de alunos não oralizados com paralisia cerebral e deficiência múltipla*. Projeto de Pesquisa financiado pelo CNPq proc. 473360/2007.1.
- WIDEEN, M.; MAYER-SMITH, J.; MOON, B., A critical analysis of the research on learning to teach: making the case for an ecological perspective on inquiry. *Review of Educational Research*, 68 (2), 1998, p. 130-178.

